UNIVERSO EM EXPANSÃO

Pulsar

Almir Carlos Jimênez de Souza Valente

“O que o estranho brilho de uma estrela pulsar poderia trazer de tão grave e definitivo para a tripulação do Aldebaram? ”

UNIVERSO EM EXPANSÃO
PULSAR

I

O Aldebaram aproximava-se de um novo sistema estelar, lentamente cruzando as órbitas elípticas, que os corpos celestes executam em torno de uma estranha estrela pulsar.

Na cabine de Nick Quiltin, ele e Marlow Dultam conversam, enquanto aguardam a chegada de seu turno para assumirem seus lugares na ponte da astronave.

- Você tem que maneirar; Nick! - comentava Marlow, sentado à mesa, enquanto faziam uma rápida refeição.

- Eu sei, Marlow. - Quiltin, ergueu-se de sua cadeira, deixando o líquido de cor amarronzada, dentro de uma espécie de xícara, esfriando - Tento me controlar, mas faz parte de mim... Parte do meu povo.

- Você tem que aceitar. Aqui, assim como em todas as naves do Comando-Estelar, as mulheres e os homens têm postos e direitos exatamente iguais. - Marlow aproximou-se dele - Amigo você ainda vai acabar comprometendo sua carreira...

- Acha que não sei? - retrucou ele, olhando para a mesa e retomando seu lugar - Aquela imediato tem um ar tão arrogante...

- Isso é implicância sua! Ela parece ser uma boa pessoa.

- Para o meu povo, as fêmeas só servem para sexo e procriação. Nada mais!

- Lembre-se, nós não estamos em Deltrinus.

Marlow aproximou-se da porta, que se abriu automaticamente.

- Amigo, precisamos ir. Nosso turno é daqui a pouco! - disse ele.

- Certo. Vamos. - concordou Nick - Creio que terei, cada vez mais, que ir me acostumando com a presença dela. Afinal, essa nossa viagem parece que vai ser longa.

Os dois deixaram a cabine, seguindo para a ponte, aonde assumiriam seus postos.

Minutos depois, adentravam o local, aonde Dieine, sentada à poltrona de comando, observava a tela-frontal. Assim que os dois entraram, os suplentes, do turno da noite, deixaram a ponte, liberando seus postos.

- Sargento Quiltin, dê-me a distância da estrela pulsar. - pediu Dieine, olhando para ele.

- Um momento, capitã. - respondeu, controlando sua irritabilidade - Estamos há quatrocentos milhões de quilômetros, capitã.

- Mantenha velocidade atual de um quarto de velocidade de cruzeiro! - Dieine ergueu-se e aproximou-se de Vilma, que controlava o console de segurança da nave. - Tenente Adiltar, o comando é seu!

- Certo, capitã. - Vilma deixou seu console, assumindo a poltrona de comando, enquanto um suplente tomava seu lugar.

Dieine seguiu pelos corredores, dirigindo-se para a enfermaria, logo após tomar um turbo-condutor. Em minutos ela chegou e aproximou-se de Merinda, que em seu gabinete, pegado ao Centro-médico, lia alguns relatórios e observava matérias sobre os avanços médicos que tomara conhecimento durante nossa viagem ao futuro.

- Com licença. - pediu Dieine, parada à porta.

- Capitã... Entre! - Merinda ergueu-se e aproximou-se dela, indicando-lhe uma poltrona à frente de sua mesa - Creio que veio para mais uma etapa do tratamento.

- Claro. Espero que logo terminemos com ele. - comentou ela, sentando-se - Assim poderei me sentir definitivamente curada.

- Fique tranquila! Pelos seus últimos exames, você está reagindo muito bem. E logo teremos erradicado por completo essa doença. Bem, vamos ao tratamento!

- Vamos.

As duas deixaram o gabinete e seguiram para a ala do centro médico, aonde dariam continuidade ao tratamento de Dieine.

Longe dali, na engenharia, eu conversava com Malcon Fértim, verificando o andamento das coisas por lá.

- Tudo parece em ordem, senhor. - relatava Malcon, enquanto mostrava-me gráficos e dados que apareciam nos painéis de controle - A nave tem se comportado bem, apesar do pouco tempo de uso.

- Esses dois meses de viagem têm sido tranquilos, mas esta nave ainda é um tanto desconhecida para nós. A tripulação ainda está se acostumando com ela e tudo isso tem me deixado um pouco preocupado.

- Concordo, comandante. Mas nós da engenharia tivemos um bom período de adaptação e já estamos dominando muito bem essa nova tecnologia.

- Isso já me deixa mais tranquilo. Mas lembre-se, é sempre bom estarmos precavidos.

- Quanto a isso pode ficar tranquilo, senhor.

Enquanto Malcon retomava seus afazeres, eu deixava a engenharia, seguindo para a ponte. Os corredores estavam movimentados, a tripulação exercia suas funções em plena normalidade, a preocupação e a tensão com nossa atual condição pareciam ter se dissipado um pouco.

Logo que adentrei a ponte, avistei Vilma sentada à poltrona de comando, aproximei-me dela, que, ao perceber minha presença, cedeu-me o lugar.

- Situação, tenente? - indaguei, sentando-me.

- Estamos nos aproximando da estrela pulsar, creio que passaremos à distância segura, mas a capitã ordenou que

mantivéssemos velocidade de cruzeiro a um quarto de força. - relatou Vilma.

- Certo. Pode voltar a seu posto! - voltei meu olhar para a tela-frontal, onde a imagem do pulsar estava nítida e clara. - Senhor Calubim, o que pode informar desse pulsar?

- Nada de extraordinário, senhor. Magnitude fator 10, campo gravitacional constante, assim como sua pulsação. Creio que não teremos problemas mantendo nosso curso. A radiação proveniente dele apresenta níveis normais.

- Ótimo! Navegador mantenha curso! Aproveitaremos a proximidade para recarregarmos as células-fotônicas e assim reenergizarmos todos os sistemas. Precisamos estar bem preparados para prosseguirmos nossa viagem. E, devido à nossa viagem de volta no tempo, as baterias-fotônicas foram quase exauridas.

- Pelo que meus instrumentos indicam, nesse mesmo curso, obteremos uma boa carga fotônica, mas se pararmos numa posição mais próxima, dentro de um limite de segurança orbital de duzentos e cinquenta milhões de quilômetros, precisaremos de apenas uma hora para completar a carga total de nossas baterias e células fotônicas. - informou Calubim.

- Uma hora? - observei a imagem da estrela na tela - Navegador leve-nos para um curso tangente de duzentos e cinquenta milhões de quilômetros, depois desligue os propulsores e permaneça assim por uma hora! Executar!

- Certo, comandante. - concordou Quiltin, acionando seu painel de navegação.

O Aldebaram aproximou-se do pulsar lentamente e, assim que atingiu a distância estipulada, estabilizou, enquanto as células fotônicas captavam a energia gerada pela estranha estrela.

- Baterias começando a recarregar. - informou Marlow, observando o console de instrumentos ligados à engenharia, que ficavam no console auxiliar de navegação - Creio que, conforme o tenente Calubim informou, dentro de uma hora estarão completamente reenergizadas.

- Ótimo. Mantenham a nave assim! - ordenei, enquanto levantava-me da poltrona de comando - Estarei em meu gabinete; Tenente Adiltar, a ponte é sua! Qualquer coisa me comunique!

Saí, deixando a ponte e desci até meu gabinete, assim que entrei logo me aproximei das amplas janelas, de onde podia avistar a estrela ao longe, emitindo seu facho luminoso inconstante, como se fosse um incrível farol estelar.

Alguns minutos depois, enquanto observava os dados obtidos durante nossos primeiros meses de viagem, no monitor de minha mesa; um chamado tomou minha atenção.

- Comandante para a ponte! - solicitava a voz de Vilma.

Levantei de minha cadeira e tomei o turbo condutor, chegando em segundos à ponte. Assim que entrei, aproximei-me rapidamente de Vilma, que se erguia da poltrona de comando.

- Relatório, tenente! - pedi, tomando minha poltrona.

- Parece que o pulsar está alterando sua frequência. - informou Vilma.

- Senhor Calubim, informe!

- Comandante, parece que a oscilação do pulsar está se tornando irregular. Os níveis de radiação estão oscilando e os níveis energéticos estão chegando de forma estranha às células-fotônicas. - informou Calubim, enquanto observava sua instrumentação apreensivo.

- Navegador, preparar para deixar esta posição imediatamente! Acionar propulsores! Quero que nos tire daqui já! - ordenei.

- Comandante, o leme não responde, assim como os propulsores. Há algo de estranho na aparelhagem! - informou Quiltin, acionando seu painel de controle, sem obter resultados.

- Tenente Adiltar, erguer os escudos-plasmáticos! Potência máxima!

- Comandante, escudos inoperantes, embora os controles digam que não há nada de errado. - avisou Vilma, nervosa.

- Navegador, prepare propulsão máxima! Vamos tentar nos libertar dessa inércia!

- Comandante, não temos força é como se não houvesse energia nas células-fotônicas, como se estivéssemos desligados! - Marlow virou-se, para minha direção, seu olhar estava apreensivo.

Mas, antes que pudesse dar qualquer outra ordem, uma enorme descarga energética atingiu o Aldebaram, arremessando a nave para longe do pulsar, porém de uma forma brusca que sacudiu a nave com enorme violência.

No Centro-médico, Merinda que tinha Dieine ligada aos instrumentos, chegou a cair no chão, enquanto a aparelhagem médica, à qual realizava o tratamento de Dieine, começou a entrar em curto. A Médica-Chefe ergueu-se, entre os estouros, tentando desligar o equipamento, enquanto Dieine, dentro da redoma tremia, sendo atingida por rajadas energéticas. Com incrível dificuldade, Merinda conseguiu desligar o equipamento, enquanto outros médicos corriam para ajudá-la.

- Ajudem-me a tirá-la daí! - gritava Merinda, erguendo a cúpula transparente do equipamento – Mas com cuidado!

- Doutora, ela está muito quente! - gritou um dos enfermeiros, enquanto a nave ainda era sacudida por solavancos, provenientes da enorme descarga energética.

Sem saber do que se passava no Centro-médico, na ponte, eu observava a tela-frontal, aonde a imagem irregular demonstrava que nos afastávamos velozmente do pulsar.

Assim que a nave, lentamente começou a se estabilizar, Marlow, surpreso, informou:

- Comandante, essa última rajada, de alguma forma, recarregou completamente as células fotônicas e as baterias!

- Como? - indaguei, aproximando-me dele.

- Não sei explicar, senhor. Mas o que meu painel demonstra é que todos os níveis energéticos estão no máximo.

- Sargento Quiltin, temos resposta dos propulsores e do leme?

- Sim, comandante. - Nick, observou seu painel, e após uma rápida checagem concluiu: - A nave parece estar novamente operacional.

- Engenharia. - chamei, acionando o comunicador de meu colarinho - informe, tenente Fértim!

- Comandante, estamos terminando as checagens... mas parece que está tudo em ordem. - A voz de Malcon soou forte na ponte - Logo fornecerei relatórios mais precisos.

- Comandante, - chamou Calubim - a Doutora Vilkar está informando que diversas pessoas estão chegando com problemas de queimaduras por radiação e que parece que algo aconteceu com a capitã!

- Informe que estou a caminho!

Logo, estava chegando ao Centro-médico, Merinda estava ao lado de uma mesa de exames, onde Dieine permanecia deitada. Enquanto aproximava-me, pude observar os outros médicos e enfermeiros, que atendiam aos demais feridos.

- Então, o que houve? - indaguei, parando ao lado dela.

- Não sei ao certo. - respondeu Merinda, de braços cruzados, olhando para os instrumentos que, na cabeceira da mesa, mostravam informações sobre Dieine - Ela estava no centro de tratamento quando a nave começou a balançar. Algo aconteceu, o equipamento se sobrecarregou e tivemos que retirá-la às pressas. Só que ela estava assim, completamente inconsciente.

- E o que os exames indicam? - indaguei, debruçando-me sobre Dieine e observando seu rosto.

- Uma espécie de acúmulo energético, algo que nunca vi antes. Veja isso!

Merinda abriu as pálpebras de Dieine, seus olhos estavam estranhos, as pupilas dilatadas e a Íris verde estava fosforescente, brilhando como o pulsar de energia.

- Meu Deus! - exclamei - O que está acontecendo?

- Albim... Não sei dizer. A única coisa que me deixa mais tranquila é que os sinais vitais dela estão estáveis. Espero que não haja outro efeito colateral.

- Quando saberemos suas reais condições e se isso será passageiro ou duradouro?

- Albim, como já disse, não tenho prognósticos. Farei mais exames, mas só quando ela voltar à consciência saberei. Os exames demonstram estar tudo normal, sem danos musculares, ósseos ou cerebrais, mas... depois dessa estranha alteração, tudo é possível!

- Estarei na ponte, assim que tiver alguma novidade me informe! - pedi, olhando para Dieine, enquanto sentia meu peito apertado.

Sem que Merinda dissesse nada, afastei-me, seguindo para a saída do Centro-médico, enquanto tentava afastar de minha mente a ideia de poder vir a perder Dieine.

II

As horas pareceram passar lentamente, enquanto o Aldebaram voltava a seguir em nossa estranha viagem. Eu observava a tela-frontal, porém meu pensamento estava longe, no Centro-médico, imaginando como estaria Dieine.

E Merinda, que não entrava em contato? O que estaria acontecendo lá?

Como que em resposta as minhas indagações, a voz de Merinda soou em meu comunicador pessoal:

- Comandante, poderia vir ao Centro-médico? - indagou ela, com tom sério.

- Estou a caminho! - levantei da poltrona de comando e, passando por Vilma, ordenei: - Fique no comando até minha volta!

Deixei a ponte e logo em poucos minutos adentrava o Centro-médico, seguindo logo para a seção onde estava Dieine. Ao entrar no reservado, encontrei Merinda, parada, de braços cruzados, olhando para Dieine, que terminava de se vestir.

- Veja só, comandante. - retrucou Merinda, apontando para Dieine - Ela se levantou, sem mais nem menos e disse que não fica sequer mais um minuto aqui.

- Imediato, o que está acontecendo? - indaguei, aproximando-me dela.

- *Imediato*? Por que não me chama de Dieine? - Ela ergueu-se, após calçar suas botas e encarou-me, seus olhos ainda estavam estranhos, brilhando como aquele estranho pulsar; mas havia algo diferente neles, algo estranho - Parece que realmente é hora de sair!

Ela começou a afastar-se, quando Merinda disse:

- A única autoridade capaz de liberar você, ou até o comandante, quando em estado de incapacidade física, nesta nave, ainda sou eu! Por isso, trate de voltar à sua cama e se deitar!

- Não adianta, Merinda! - Dieine, parou na porta e voltou-se para nós - O que vai fazer? Atirar em mim? Se alguém pode dizer se estou bem ou não, esse alguém sou eu!

- Mas os registros!... - retrucou Merinda.

- Observe-os de novo! - Dieine deu uma risada e deixou o Centro-médico, enquanto eu e Merinda voltávamo-nos para os aparelhos, onde mantinham os registros médicos de Dieine; estranhamente, estavam todos indicando normal.

- Não é possível, Albim! - Merinda estava pasma - Há um minuto atrás eles estavam anormais.

- Merinda, concordo que há algo de estranho e não são apenas os olhos dela! Esteja alerta, vou tentar alcançá-la e ver se consigo trazê-la de volta.

Deixei o Centro-médico e segui pelo corredor, à procura de Dieine, ele era longo e deveria tê-la avistado, mas não. Ela havia desaparecido.

Resolvi seguir para a cabine dela, local onde talvez a encontrasse. Toquei o anunciador e em segundos ela atendeu a porta, estava completamente nua.

Tratei de entrar, antes que alguém a visse naquele estado.

- O que está acontecendo, Dieine? - indaguei, enquanto a porta fechava-se à minhas costas.

- Nada! - respondeu ela, dirigindo-se para o sofá, onde se sentou, cruzando as pernas - Apenas estou muito excitada! Sabia que logo você viria!

- Há algo de estranho com você! Pense, tente raciocinar! Merinda está certa. Você não está bem. Algo aconteceu quando você estava se tratando no Centro-médico.

- Não! Nada aconteceu! Eu estou me sentindo muito bem!

- Venha cá! - Segurei-a pelo braço e arrastei-a, meio forçada, até o banheiro e coloquei-a em frente ao espelho - Você acha isso normal?

Dieine assustou-se ao ver seus olhos. Aquela luminosidade realmente era assustadora. Ela virou-se, abraçando-me!

- Oh, Albim? O que está acontecendo?

- Não sei. Mas somente Merinda poderá descobrir!

Nesse instante, Dieine desfaleceu em meus braços e eu tive de sustentar seu corpo para que não caísse no chão frio. Ergui-a no colo e levei até a cama, onde a coloquei e cobri com o lençol. Sentado ao lado dela, acionei o comunicador de meu colarinho.

- Doutora Vilkar! Aqui é o comandante. Poderia vir aos aposentos da capitã Tálbim?!

Fiquei ali, aguardando, enquanto olhava para Dieine, deitada com ar tão tranquilo.

Minutos depois, Merinda entrava, trazendo aparelhagem médica manual para o exame. Passou diversos aparelhos por sobre Dieine, e encostou outros em seu peito, depois, com ar estupefato disse:

- Está tudo normal! É incrível, mas está tudo normal! - Ela ergueu as pálpebras dela, os olhos continuavam brilhando - Só isso que não muda. Pode ser temporário... ou definitivo. Só o tempo dirá!

- O que acha que causou aquela reação?

- Talvez estresse. Infelizmente, apesar de podermos mapear detalhadamente o cérebro, ainda não podemos prever os estragos psicológicos de um trauma. Agora, acredito que, o que ela mais precisa seja repouso! Vamos deixá-la descansar. Quem sabe... amanhã ela esteja melhor.

- Concordo. Levantei da beirada da cama, onde estava sentado. Vai dar algo para ela?

- Apenas um sedativo fraco! - Merinda apanhou algo em seu equipamento, uma seringa de aplicação intramolecular e

encostou-a no braço de Dieine. Enquanto o líquido, contido nela, introduzia-se micro-molecularmente, ela observava o semblante de sua paciente.

Depois, ergueu-se, e veio até mim, parando a meu lado, que já aguardava próximo à porta.

- Foi você que a despiu? - perguntou ela, voltando seu olhar para Dieine.

- Não, quando cheguei, ela já estava assim: completamente nua. - respondi, também olhando para ela.

- É, parece que ela realmente estava esperando alguém.

Enquanto saíamos, e a porta fechava-se atrás de nós, nem pudemos perceber um dos olhos de Dieine abrir-se, olhando em direção à porta, enquanto um estranho sorriso formava-se em seu rosto.

UNIVERSO EM EXPANSÃO
PULSAR

III

Na manhã seguinte, ao entrar na ponte, encontrei Dieine, como de costume já sentada em sua poltrona. Ela usava um estranho par de óculos escuros de cor negra, ocultando e demonstrando que seus olhos continuavam com aquela estranha e brilhante coloração. Aproximei-me dela, que me cumprimentou educadamente:

- Bom dia, comandante. - Ela parecia mais branda, mais calma, mas sua resposta usara de um tom frio.

- Bom dia, imediato! - respondi, tomando meu lugar – Belos óculos! – comentei e pedi - Relatório!

- Encontramos dois planetas com possibilidades de manter a vida como a conhecemos. Os outros não são habitáveis, não para a forma humanoide.

- Certo. Senhor Quiltin, leve-nos até o primeiro desses planetas em proximidade! Já tem as coordenadas?

- Sim. Implantadas nos sistemas de navegação. - respondeu Nick, acionando o painel de navegação.

- Então execute! - Levantei da poltrona de comando e aproximei-me da tela-frontal - Assim que chegarmos, quero que estabeleça uma órbita média! Senhor Calubim acione todos os sensores e faça o mapeamento do primeiro planeta: minerais, vegetais e animais. Completo!

- Pode deixar, comandante. - concordou o tenente Jeft, começando a calibrar os sensores, enquanto seguíamos para o planeta.

Em um pouco mais de uma hora, já estávamos em órbita, e os sensores da nave trabalhavam incessantemente, analisando a superfície do planeta, bem como sua geografia e morfologia. Calubim Jeft, acompanhava as análises,